



## **Propostas discordantes no jornalismo<sup>1</sup>**

Ivan Carlo Andrade de Oliveira<sup>2</sup>

### **Resumo**

A maioria dos veículos de comunicação, além do próprio ensino, é baseado na ideia de objetividade jornalística, proveniente da teoria do espelho, segundo o qual os jornais são apenas um reflexo da realidade. A base científica de tal teoria não se sustenta, mas o ideal de objetividade ainda é citado, muitas vezes como estratégia ideológica. Assim, o novo e o gonzo jornalismo surgem como propostas discordantes desse modelo. O objetivo deste texto é estudar essas duas propostas sob o ponto de vista das teorias do jornalismo.

### **Palavras-chave**

Teoria do jornalismo, gonzo, novo jornalismo

### **1 Introdução**

Durante muitos anos, influenciado pelo positivismo e por sua metodologia científica, o jornalismo ficou pautado pela ideia de objetividade. Esse ponto de vista foi exemplificado pela declaração de um correspondente da Associated Press, em 1856: “O meu trabalho é comunicar os fatos: as minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentário sobre os fatos, sejam eles quais forem” (READ apud TRAQUINA, 2001, p. 66).

O discurso da objetividade jornalística, a ideia de que existe uma realidade única, que pode ser expressa de forma totalmente isenta e imparcial, tem se mantido no discurso oficial há anos e se reflete, inclusive nos slogans dos jornais: “A verdade doa a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Amapá



quem doer” (*O Dia*), “Você precisa saber da verdade” (*Tribuna da Bahia*), “Jornal Verdade” (*A Gazeta*).

Alguns veículos já admitem que a objetividade não é possível. O Manual Geral da redação da Folha de São Paulo, por exemplo, diz que “Não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por posições pessoais, hábitos e emoções”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1987, p. 34)

Essa nova postura é amparada pelas descobertas da própria ciência, que já não trabalha mais com o ideal positivista de objetividade.

Entretanto, a prática jornalística ainda é pautada nessa ideia. O lead, a impessoalidade e pirâmide invertida são elementos que surgiram com a teoria do espelho e sobrevivem a ela mesmo depois de demonstrada a impossibilidade dessa suposta objetividade.

Embora seja essa a prática convencional do jornalismo, surgiram propostas discordantes desse modelo, que buscam um novo fazer jornalístico. Duas dessas propostas se destacam: o novo jornalismo e o gonzo. Ambos são objeto de análise deste texto. O objetivo é analisar essas propostas do ponto de vista da teoria do jornalismo.

## **2 Espelho da realidade**

Segundo José Marques de Melo, a teoria do espelho surgiu como uma reação ao sensacionalismo que caracterizava jornalismo norte-americano do final do século XIX:

Impôs-se o sensacionalismo como diretriz norteadora do funcionamento dos grandes jornais, que competiam entre si na busca dos leitores. Os princípios éticos mais elementares, prescrevendo a conduta dos cidadãos numa sociedade puritana como a norte-americana, foram deixados de lado. Ocorreu, então que, do ponto de vista jornalístico, a fidedignidade dos fatos deixou de ser referencial para a difusão de notícias. Acontecimentos passaram a ser forjados ou artificialmente gerados, para criar reportagens sensacionais. (MELO, 1986, p. 99)

A teoria do espelho surge como reação a esse sensacionalismo. A ideia é de que o jornalista deveria ser como o fotógrafo, e fazer apenas um relato objetivo e imparcial da realidade.



Sua base é a ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano (PENA, 2008, p. 125)

A suposta base científica dessa teoria caiu por terra rapidamente. Vários filósofos e cientistas mostraram que a realidade percebida pelo pesquisador nunca é exatamente o fato observado. Há um destaque, por exemplo, para uma construção social da realidade:

existe também, anterior a todo objeto, uma estrutura organizada do mundo no qual se inserem objetos. É o que os sociólogos Peter Berger & Thomas Luckman (1978) chamaram de a “construção social da realidade”. Por isso, entendem essa organização do universo ligada a uma determinada cultura, seja a de uma tribo de pescadores da Amazônia, seja a nossa cultura industrial, e que situa a visão de um tal modo que cada uma das coisas pode encontrar seu lugar (ou antes), que determina o que serão os objetos. (FOUREZ, 1995, p. 48)

Mesmo numa ciência dura, como a física, existe o chamado princípio da incerteza, de Heisenberg segundo o qual o simples fato de observar uma partícula já muda ou sua velocidade ou sua posição, sendo impossível uma observação aos moldes positivistas.

Outro autor que tem se destacado pela crítica a essa visão absoluta da realidade é Humberto Maturana:

Frequentemente se afirma que o conhecimento científico tem que ser aceito como universalmente válido, porque as explicações e afirmações que lhe pertencem são validadas através de sua contínua confrontação com a realidade objetiva independente. A forma da constituição da ciência como domínio cognitivo, entretanto, indica que tal ideia não pode ser sustentada, e que as explicações e afirmações científicas são válidas apenas na comunidade de observadores que aceitam o critério de validação de suas explicações. (MATURANA, 2001, p. 145).

Mesmo a comparação com a fotografia não se sustenta. Roland Barthes (2002), por exemplo, demonstrou que a fotografia não é simplesmente um retrato do real. Ao



contrário tem uma forte carga conotativa. Processos como a escolha do momento, a pose, a trucagem, os objetos, a fotogenia e o estetismo podem transformar a fotografia, dando-lhe um ar puramente conotado e, portanto, subjetivo.

A corrente de investigação que concebe as notícias como construção rejeita as notícias como espelho por diversas razões. Em primeiro lugar, argumenta que

É impossível estabelecer uma distinção radical entre a realidade e os mídia noticiosos, que devem refletir a realidade porque as notícias ajudam a construir a realidade. Em segundo lugar, defende a posição de que a própria linguagem não pode funcionar como transmissora direta de significado inerente aos acontecimentos, porque a linguagem neutra é impossível. (TRAQUINA, 2001, p. 60)

Além da questão da linguagem, há a própria escolha de quais fatos se transformarão em notícias e quais serão barrados. A teoria do gatekeeper se debruçou sobre os fatores pessoais de escolha. Assim, o jornalista seria um porteiro, que deixa ou não passar as notícias.

A teoria organizacional também critica a teoria do espelho, mas coloca seu foco nas pressões organizacionais que levam o jornalista a aceitar determinadas notícias ou rejeitar outras, dar destaque em manchete para determinados fatos ou noticiar apenas com uma nota de pé de página.

Infelizmente, essa visão crítica, embora seja elaborada em nível acadêmico, não chega à prática das redações. A quase totalidade dos veículos ainda reza pela cartilha da pirâmide invertida e pela ideia de que o jornalista deve ser objetivo. Surgiram, no entanto, duas propostas discordantes, que tentam fugir desse padrão. São o novo jornalismo e o gonzo.

### **3 Novo jornalismo**

A proposta de aproximar o jornalismo da literatura não é nova. Muitos escritores transformaram reportagens em obras literárias. Exemplo disso é o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, um verdadeiro marco tanto da imprensa quanto da literatura brasileira. Outro exemplo notável é John Steinbeck, que transformou sua reportagem



sobre a condição de vida dos agricultores desalojados de suas terras durante a grande depressão no romance *As vinhas da ira*.

Mas o grande mentor dessa relação foi o norte-americano Truman Capote. Ele acreditava que a reportagem poderia ser uma arte tão requintada quanto qualquer outra forma de prosa, tais como o ensaio, o conto e a novela.

Para provar sua tese, ele procurou o tipo mais baixo de matéria jornalística: a entrevista com astros. Os brasileiros sabem o quanto é descartável esse jornalismo praticado por revistas como *Contigo*, *Caras* e *Quem*. Capote queria transformar esse tipo de matéria em uma arte autêntica, provando que o jornalismo poderia ser um gênero literário. Para isso ele procurou o ator Marlon Brando, então no auge da fama. Capote passou uma noite com Brando em um apartamento em Kioto, no Japão, onde o astro estava filmando *Sayonara*, de Joshua Logan.

Os dois conversaram a noite inteira, sem que Capote gravasse ou fizesse anotações. Ele acreditava que esses recursos criam um clima artificial e destrói a naturalidade por parte do entrevistado.

O resultado foi publicado na revista *New Yorker* em 1956 com o título de “O Duque em seus domínios”. Estava criado o *New Journalism*. O texto mostrava o ator de maneira até então inédita e antecipava até mesmo a gordura de Brando (que chegou a pesar, nos anos seguintes, 120 quilos). O ator admitiu, entre outras coisas, que se sentia ofuscado pelo sucesso: “Um excesso de êxito pode arruinar um homem tão irremediavelmente quanto um excesso de fracasso” (apud DANTON, 2010).

Brando aceitou seu perfil como fidedigno, mas disse que se sentiu traído: “Aquele pequeno canalha passou a metade da noite me contando seus problemas. Achei que o mínimo que poderia fazer era contar-lhe os meus”.

Em 1959, ao saber que quatro membros de uma família de fazendeiros haviam sido assassinados brutalmente (eles foram amarrados, amordaçados e receberam tiros na cabeça), Capote rumou para a cidade em que havia acontecido o crime, Garden City, decidido a chegar ao ápice de seu projeto de narrar a realidade como ficção.



Passou cinco anos pesquisando. Entrevistou, perguntou, levantou os menores pormenores do caso, tornou-se amigo dos policiais e até dos criminosos, dois assaltantes de nome Perry Smith e Dick Hickock.

Antes de publicar o relato, ele passou o texto para checadora da revista, Sandy Campbell, que verificou todas as informações. A história foi publicada em capítulos no *New Yorker* e depois reunida no livro *A Sangue Frio*, um marco do Novo Jornalismo.

O livro não se contentava apenas em contar os fatos, mas queria colocar o leitor no palco dos acontecimentos. Para isso, ele fez uma pesquisa detalhada a ponto de saber o que o dono da fazenda comeria no café da manhã (um copo de leite e uma maçã), o que um dos assassinos bebericava num bar (root beer) e o que a menina assassinada vestira naquele dia (calça zuarde e suéter verde).

O livro alçou a reportagem policial a um patamar literário que seria impensável.

Segundo Fernando Resende (2002, p. 61),

O movimento era ambíguo, pendia tanto para o lado da necessária representação textual de um momento histórico – a eleição de Kennedy, a guerra do Vietnã, etc. – quanto para o lado do que alguns teóricos chamam de *sufiction* ou metaficção: a exploração dos próprios limites da ficção.

O objetivo era superar os romances entediados, fazendo um registro daqueles tempos, capturando os métodos da ficção para representar a cultura atual de maneira precisa (RESENDE, 2002, p. 62).

A idéia dessa proposta discordante era dar ao leitor algo mais do que os fatos: a vida subjetiva e emocional dos personagens. Isso fazia com que os autores incluíssem no texto até mesmo o pensamento dos mesmos.

Outra técnica do new journalism era a composição: fundir a história de várias pessoas e apresentá-las em uma personagem só, fictício. Além disso, essa corrente defendia o jornalismo investigativo: as histórias deveriam ser exaustivamente pesquisadas e checadas nos mínimos detalhes.

No Brasil o auge do Novo Jornalismo foi a revista *Realidade*, da editora Abril, que durou de meados da década de 60 a meados da década 70.



Embora raramente, alguns exemplos dessa proposta discordante pode ser encontrados na revista *Caros Amigos*.

#### **4 Jornalismo gonzo**

O nome mais importante do gonzo jornalismo é o norte-americano Hunter S. Thompson. Segundo Czarnobai (2011),

Thompson enfrentava o dilema do especialista em reportagem: queria escrever ficção mas via-se obrigado a buscar refúgio na sobriedade do jornalismo enquanto não alcançasse algum êxito literário. O surgimento do New Journalism veio renovar as esperanças de todos os aspirantes à romancistas - com Thompson não foi diferente. Utilizando técnicas de imersão semelhantes às de Dickens (...) ele decidiu viver durante dezoito meses entre os membros da gangue de motociclistas Hell's Angels para escrever um artigo publicado em 1965, na revista *Nation*.

A reputação dos Hell's Angels havia se alastrado pelo país por causa de um relatório feito pelo então Secretário de Segurança da Califórnia, Thomas C. Lynch, que os considerava uma ameaça. O relatório trazia denúncias de estupro, vandalismo e brigas causadas pelos motoqueiros, mas muitas das evidências eram questionáveis. Thompson pretendia comparar o relatório o *Lynch Report* com sua própria experiência no grupo.

Com isso ele inaugura um dos elementos-chave do gonzo: a observação participante, a imersão do jornalista na realidade a ser retratada na reportagem. Czarnobai (2011), no entanto, destaca que esse elemento, por si só, não caracteriza o gonzo, uma vez que era visto já no novo jornalismo.

O gonzo se consolidaria de fato como gênero independente a partir de 1970, quando Thompson, a serviço da revista de esportes *Scanlan's Monthly*, foi mandado para cobrir uma corrida de cavalos. O jornalista não só adotou o texto em primeira pessoa como simplesmente esqueceu o evento (que só ocupa 1% do texto) e nem mesmo citou o ganhador. A narrativa se concentra no encontro de Thompson com um bobalhão em um bar, caipiras de Kentucky e no jantar com o cartunista Ralph Steadman.



Publicado como *The Kentucky Derby is Decadent and Depraved*, o artigo gerou uma carta de reação do amigo Bill Cardoso, no qual ele dizia que não sabia o que Thompson estava fazendo, mas era totalmente gonzo. O termo seria derivado da gíria franco-canadense *gonzeaux*, que significaria algo como "caminho iluminado". (CZARNOBAI, 2011)

Thompson é enviado, então, pela Sports Illustrated para cobrir uma corrida de motos na cidade de Las Vegas. Gastou todo o dinheiro que haviam lhe dado com drogas, carros, fez contas em hotéis e saiu sem pagar, arranhou problemas com a polícia e, para piorar, só chegou na corrida de motos quando esta já havia acabado.

A Sports Illustrated não quis publicar. Assim o texto acabou indo para a Rolling Stones, onde provocou grande impacto. A reportagem posteriormente seria publicada na forma de livro com o título de *Medo e delírio em Las Vegas*.

Hunter continuou produzindo reportagens, sempre sob o lema: “Quando as coisas ficam bizarras, os bizarros viram profissionais”.

O gonzo, por suas próprias características, não é uma fórmula que possa ser aplicada a um texto. É muito mais uma atitude diante do mundo e do jornalismo. É possível, no entanto, perceber algumas características no gonzo jornalismo.

A primeira delas é um ataque radical à teoria da objetividade jornalística. Para os adeptos do gonzo, o discurso da objetividade quer criar confiança, convencer o leitor de que é isenta, livre de desejos, ideologias, medos e interesses de quem escreve.

Ou seja, a objetividade é um discurso de mascaramento da ideologia que permeia o jornalismo. Não interessa ao gonzo se essa ideologia é neo-liberal ou marxista. O importante é o princípio da objetividade serve para esconder o fato de que nenhuma linguagem é neutra. (DANTON, 2011)

O gonzo tira essa máscara e daí surge sua primeira característica formal: os textos são sempre escritos em primeira pessoa. O objetivo não é apenas narrar fatos, mas relatar a experiência de um determinado indivíduo com eles. O fator de haver um mediador entre a experiência e o leitor é destacada, e não escondida.

O gonzo também quer ir contra a imagem que os jornalistas fazem de si mesmos, de sérios e respeitáveis. Tal imagem contribuiu para transformar o jornalismo em



“discurso autorizado”. O jornal é a expressão da verdade, e não de “uma verdade”. Em contraste, os gonzo-jornalistas não pretendem ser nem sérios nem respeitáveis.

A carta de princípios da irmandade Rauol Duke (pseudônimo utilizado por Hunter para evitar problemas com a polícia) nos diz que o repórter “deve se envolver na história e alterar ao máximo os acontecimentos dentro da medida do Impossível, de forma a transformá-la não em um mero RELATO do evento, mas sim em uma história ENGRAÇADA e CÁUSTICA”. (apud DANTON, 2011)

Entretanto, a ficção pura e simples não serve ao gonzo. Ainda segundo a mesma carta, “o conteúdo dos textos deve ser JORNALÍSTICO, ou seja: um fato precisa estar acontecendo necessariamente”.

Para fazer jornalismo gonzo não é necessário procurar fatos bizarros. Aliás, o ideal é abordar fatos normais, banais, sob ponto de vista bizarro e pessoal.

Exemplos de jornalismo gonzo estão se tornando cada vez mais frequentes na imprensa brasileira. Arthur Veríssimo, da revista *Trip*, foi o primeiro a celebrar esse estilo no Brasil. Em uma de suas matérias mais antológicas, ele passou um dia como animador de festas infantis:

Minha função seria monitorar, juntamente com o grupo, uma festa de criança. O detalhe é que eu iria fantasiado de porquinho da Parmalat. Pô. Só faltava essa: estou me transformando num misto de Jerry Lewis com Sérgio Malandro. Assumi a roubada, e lá estava o idoso Veríssimo a macular sua imagem, vestido de porquinho cor-de-rosa da Parmalat. (VERÍSSIMO, s.d., p. 55)

O texto tem todas as características do gonzo: um evento comum sendo mostrado de forma bizarra, o texto em primeira pessoa, declaradamente a visão do jornalista sobre o assunto e, finalmente, o humor.

A revista Zero, lançada pelas editoras Pool e Lester e depois pela Escala, também traz várias características gonzo.

O número 6, por exemplo, trouxe uma matéria em que o jornalista Bruno Torturra Nogueira mergulha no universo das drogas de São Paulo:

Já estava de pé havia 20 horas. Em cima da cama, os preparativos: agenda, bloco de notas, duas canetas, gravador de MD, microfone de lapela, uma câmera velha, três lentes, um rolo de filme, uma camisa limpa, óculos escuros, uma sacola com bananas e o fundamental:



quatro ácidos de boa procedência (o famoso bicicleta), uma bola de haxixe e cinco gramas de maconha. A ideia era clara – registrar e relatar uma bad-trip em São Paulo. (NOGUEIRA, s.d., p. 16)

A intenção de imitar Hunter Thompson é óbvia, inclusive em termos de tema e de linguagem (aparentemente o texto teria sido escrito ainda sob influência de drogas).

Até mesmo a grande imprensa tem se rendido à bizarrice do jornalismo gonzo, embora de maneira mais comportada.

É na, até pouco tempo sisuda, revista *Superinteressante* que encontramos um exemplo típico de jornalismo gonzo.

Na matéria “Puro Rock’n’roll”, publicada na *Superinteressante*, número 8, ano 15 de agosto de 2001, o repórter Dagomir Marquezi se disfarçou de saxofonista do grupo Jota Quest e participou de show em Mogi das Cruzes, interior de São Paulo. Como uma típica matéria gonzo, o jornalista também é personagem e o texto é em primeira pessoa:

Não bastava tocar: um trio de metais que se preze também dança. Lembrava-me dos muitos shows de James Brown que assistira. “Um passo para a direita, junta os pés. Um passo para a esquerda, junta os pés”. Eu operava a coreografia e meus colegas de metais não se agüentavam de vontade de rir da minha picaretagem artística. O baixista PJ e o tecladista Márcio Buzelin, entre risadas disfarçadas, também faziam sinais de que estava me saindo bem.

Na televisão, o gonzo jornalismo encontra eco em programas como o CQC (em especial pela questão do humor) e A Liga (em uma das matérias, a repórter se oferece como prostituta), ambos da Band.

## **Conclusão**

O novo jornalismo e em especial o gonzo colocam em xeque o modelo da objetividade jornalística, inspirado na teoria do espelho, que tem influenciado a quase totalidade da prática jornalística.

Apesar de não ter base científica, a teoria da objetividade é usada como discurso pela maioria dos jornais. É um discurso ideológico, que muitas vezes esconde intenções obscuras e não permite ao receptor se precaver contra ele.



Essa situação de manipulação a partir do discurso da objetividade tem sido percebido pela população. Como consequência, o modelo da teoria do espelho tem se desgastado. Percebe-se, então, que mesmo veículos de comunicação mais tradicionais já se aproximam das propostas discordantes, de forma que começam a brotar matérias em primeira pessoa, a imersão do jornalista no fato noticiado e, em alguns casos, até mesmo o humor.

## Referências

- CZARNOBAL, André Felipe Pontes. **Gonzo: o filho bastardo do new journalism**. Disponível em: <http://www.qualquer.org/gonzo/monogonzo/>. Acesso em: 12 fev. 2011.
- BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. In: LIMA, L. C. (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DANTON, Gian. **Propostas discordantes no jornalismo**. Disponível em: <http://qualquer.org/gonzo/?p=50>.
- GOMES, Felipe Sáles; COSTA, Klenio Veiga da ; BATISTA, Renata Lourenço. **Jornalismo Narrativo Eficiência e viabilidade na mídia impressa**. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/costa-klenio-jornalismo-narrativo.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2011.
- FOUREZ, Gérard. **A Construção das Ciências**. São Paulo: Unesp, 1995.
- MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MELO, José Marques de. **Comunicação: direito à informação**. São Paulo: Papyrus, 1986.
- NOGUEIRA, Bruno Torturra. Viagem ao fundo do Brasil dos perdedores. **Zero**, São Paulo, n. 6, s.d, p. 16-19.
- OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de (Coord.). **Critérios de escolha de notícias no jornalismo amapaense**. Macapá: Seama, 2003.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- RESENDE, Fernando. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfé**. São Paulo: Annablume, 2002.
- SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- STEINBECK, John. **As vinhas da ira**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2010.
- TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- VERÍSSIMO, Arthur. Profissão roubada. **Trip**, São Paulo, ano 11, n. 60, (s.d).